

# Biografia conta saga ecológica de Ruschi

*Livro do jornalista Rogério Medeiros refaz a trajetória do naturalista brasileiro e mostra sua disputa com o governo do Espírito Santo e a resistência contra os predadores da natureza*

ULISSES CAPOZOLI

Desde que a bióloga norte-americana Rachel Carson escreveu seu quase profético *Primavera Silenciosa*, em 1962, a relação das sociedades ocidentais com o meio ambiente não é mais a mesma. Suas piores previsões nesse trabalho clássico — no qual alerta para a mortandade de animais provocada pelo uso intensivo de pesticidas agrícolas — foram parcialmente confirmadas.

Mas quando ela escreveu o livro, o botânico, ornitólogo e advogado brasileiro Augusto Ruschi já estava havia mais de três décadas empenhado nas matas do Espírito Santo. Com seu inseparável chapéu de feltro, classificava novas espécies de árvores, orquídeas e principalmente seus amados beija-flores. Era um desconhecido que lutava pela manutenção de um mundo que Carson via lentamente desagregar.

Ruschi começou a ficar famoso muito depois, por um motivo que ele próprio desdenharia: ameaçar a morte do então governador capixaba Elcio Álvares, se ele levasse à frente a ideia de acabar com a Estação Biológica de Santa Lúcia.

Foi dessa reserva, no município de Santa Teresa, que Ruschi retirou material de pesquisa para mais de 200 trabalhos científicos. Ele também preservou as condições naturais da área para investigações de pesquisadores de outros países interessados na flora e na fauna da Mata Atlântica. Essa formação tem uma das maiores biodiversidades de todo o mundo.

Augusto Ruschi morreu envenenado por sapos da espécie dendrobata que havia capturado com as mãos, dez anos antes, na Serra do Navio, interior do Amapá. O jornalista Rogério Medeiros, que trabalhou no Estado e foi um dos principais divulgadores de seu trabalho, publica — próximo ao décimo aniversário de sua morte, em junho do ano que vem —

*Ruschi, o Agitador Ecológico* (Editora Record, 223 páginas, R\$ 16,80), no qual conta a saga do mais importante dos naturalistas brasileiros.

Não se pode dizer que seja um trabalho primoroso o realizado por Medeiros. O texto é muitas vezes repetitivo, sem força narrativa capaz de remeter o leitor às profundezas das matas que Ruschi cultivou e defendeu. Além disso, vem acompanhado de prefácio, introdução e postácio que não acrescentam nada ao corpo do livro.

Mas isso não significa que seja um trabalho menor. O resgate de Ruschi feito por Medeiros é importante: n.º país de memória curta como é o Brasil. Esse, certamente, é um mecanismo de autodefesa contra a avalanche de escândalos financeiros, políticos e mesmo ambientais, cujas punições ainda passam ao largo da lei. Até porque, em muitos casos, são os próprios responsáveis pelo funcionamento da Justiça que trabalham em benefício próprio.

**Luta** — A briga de Ruschi com a burocracia estatal, representada pelo governo do Espírito Santo, começou quando o governador quis incorporar ao Instituto Estadual de Florestas os 279 hectares de mata densa da reserva. Ruschi, segundo os registros de Medeiros, preveniu: "Olha, vocês não vão entrar na floresta, eu vou estar armado e garanto que vou recebê-los à bala."

"Os homens do Instituto retrucaram: 'Doutor Ruschi, nós estamos cumprindo uma ordem superior.' Ele não se intimidou: 'Rapazes, aqui não tem ordens nem leis superiores.'"

"Os homens insistiram: 'Doutor Ruschi, foi o governador quem mandou.' Ele devolveu: 'Foi ele? Voltem e digam que essa floresta ninguém toma.' E então ameaçou: 'Se é o governador quem está mandando fazer isso, olha, vocês voltem e digam ao seu chefe que se aparecer gente para entrar no do-

minho da floresta eu saio daqui para matar o governador do Estado.' A resistência lúcida e solitária de Augusto Ruschi é um dos momentos mais emocionantes do trabalho de Medeiros. Talvez só comparável aos últimos dias de vida do pesquisador, quando o cacique Raoni e o pajé Sapaim fizeram uma pajelança para livrá-lo do veneno do sapo.

Raoni havia sonhado com Ruschi. No sonho, o naturalista se debatia numa lagoa cheia de sapos, o que fez o cacique interpretar que ele estava condenado: "Ele já virou sapo." Mas o sonho ainda podia ser um bom presságio: "Eu vou fumar muito e sonhar", contou o cacique num encontro com o então presidente da República, José Sarney, acrescentando: "É o sonho que vai indicar onde está a doença do cientista."

Onde a doença estava os médicos sabiam. O que eles desconheciam era como retirá-la de lá. O fígado de Augusto Ruschi estava enrijecido, com um comprometimento de 95%. Ele sangrava frequentemente pelo nariz e não podia dormir mais de duas horas seguidas.

A coragem e determinação de Augusto Ruschi fizeram com que ele ganhasse a disputa com o governo do Espírito Santo. A reserva que ele defendeu continua intacta. Seu corpo está enterrado lá, numa presença simbólica. Mas por quanto tempo? O último assalto contra a Mata Atlântica foi tentado por um órgão oficial que deveria fazer exatamente o contrário: assegurar os 9% restantes da cobertura original que impressionou pela beleza os primeiros europeus que aportaram na costa brasileira há quase 500 anos.

O ministro do Meio Ambiente, dos Recursos Hídricos e da Amazônia Legal, Gustavo Krause, apresentou recentemente ao Conselho Nacional de Meio Ambiente (Conama) um anteprojeto de lei sugerindo mudanças na definição do que hoje é entendido como Mata Atlântica. A legislação atual, o Decreto 750 de 1993, formulado e aprovado pelo próprio Conama, entende como domínios da Mata Atlântica várias formações florestais e ecossistemas afins, segundo delimitações do Mapa de Vegetação do Brasil, de autoria do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), de 1988.

Os defensores da Mata Atlântica, como o grupo SOS Mata Atlântica, fizeram pressão e podem ter conseguido, ao menos temporariamente, afastar a ameaça. A mudança proposta, longe de ser técnica, na verdade atenderia aos interesses de grupos imobiliários e madeireiros representados, entre outros políticos, pelo deputado Paulo Bornhausen, do PFL de Santa Catarina.

O ministério, por meio do Ibama, apresentou posteriormente uma minuta em reunião extraordinária do Conama assegurando a preservação e utilização de florestas e outros tipos de vegetação que ficaram fora da proposta anterior. Os ambientalistas reagiram novamente. João Paulo Capobianco, do SOS Mata Atlântica, acusou que o que se quer "é derrubar o amparo constitucional para tornar mais fáceis as futuras alterações em favor dos interesses apenas econômicos".

**Projeto** — No auge dos debates, a Comissão de Meio Ambiente da Câmara dos Deputados aprovou o projeto de lei do então deputado Fábio Feldmann (atual secretário do Meio Ambiente de São Paulo) regulamentando a proteção constitucional da Mata Atlântica. A disputa se transferiu então para o Congresso Nacional, onde os defensores da Mata Atlântica temem novas ações de madeireiros e especuladores imobiliários.

Numa entrevista reproduzida no livro de Medeiros, Ruschi já dizia estar "cansado de ver este País medido em tanta safadeza, um país onde nada ocorre com os ladrões de colarinho branco, nem com os predadores da natureza".



Augusto Ruschi: ameaça de morte ao então governador capixaba Elcio Álvares por causa da ideia de extinção de estação biológica

## Raoni tentou salvá-lo com pajelança

*Cacique retirou do corpo do botânico uma estranha gosma, atribuída ao veneno de sapo*

A Serra do Navio, no interior do Amapá, há meio século abrigava uma montanha de mangangês. O minério agora está próximo do esgotamento e a cidade que surgiu no meio da mata, originária do acampamento da empresa mineradora, teme transformar-se numa localidade fantasma. Ali perto vive uma tribo uaianpi, fisicamente um dos índios mais bonitos do Brasil. Com seu gosto por panos vermelhos de algodão, eles são uma beleza à parte na floresta ainda pouco violentada da região.

Ruschi esteve na Serra do Navio em 1975, atrás de um beija-flor, o luz-de-fogo, *Tampazza bella*. Foi quando descobriu os sapos e pegou 30 deles para enviar a um especia-

lista alemão. Os índios ajudaram na captura, mas estranharam quando o naturalista os apanhou com a mão. Só mais tarde Ruschi descobriu que, naquele momento, começava a morrer. Sua vida terminaria quando o veneno do sapo atingisse seus órgãos digestivos.

O naturalista disse ter sido ameaçado por cobras e até mesmo por uma onça nos seus anos de andanças pelas matas. Sempre saiu ileso, até encontrar os sapos venenosos do Amapá. Mas não se lamentou. Rogério Medeiros conta que ele atribuiu a si próprio a imprudência de ter apanhado os sapos sem os cuidados dos índios, que retiram dele veneno

para suas flechas. Mesmo condenado, insone e sangrando frequentemente pelo nariz, ele trabalhou até o fim para o Museu Mello Leitão ou como presidente da Comissão do Jardim Botânico, Comissão da Floresta Atlântica e Meio Ambiente e Cultura do Espírito Santo.

Na Reserva de Santa Lúcia deixou 20 mil árvores marcadas com plaquetas, contendo pelo menos 600 mil orquídeas, alimentos para seus beija-flores. Em seu livro, Medeiros lembra um desabafo do naturalista — que foi homenageado com uma efígie de uma cédula de cruzado, o dinheiro cunhado pelo governo Sarney: "Só Deus sabe o

que me custou manter todos esses anos essa reserva".

Ele depositou suas últimas esperanças nas habilidades místicas do cacique Raoni e do pajé Sapaim. Ao contrário de um ex-ministro da Aeronáutica — que antes havia chamado de sapos "genos os índios que atiravam flechas contra os aviões da FAB" — Ruschi reconheceu o valor de seus conhecimentos. Disse ter visto dois picados de cobras venenosas recuperarem-se pela ingestão de ervas prescritas pelos pajés.

Durante a pajelança, Raoni e Sapaim retiraram de seu corpo uma estranha gosma esverdeada para seus beija-flores. Medeiros acompanhou os trabalhos e testemunha que, depois deles, Ruschi recuperou parte de sua vitalidade. Mas estava muito debilitado. Morreu no dia 4 de junho de insuficiência renal e hepática em um hospital de Vitória. (U.C.)

**MESMO  
 CONDENADO  
 E SANGRANDO  
 PELO NARIZ,  
 RUSCHI  
 TRABALHOU  
 ATÉ O FIM**